

TEATRO

SEBASTIANA

Antônio Roberto Gerin

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 764.204

Personagem

Sebastiana (55 anos)

(Monólogo em quatro cenas)**CENA I****A Vendedora**

TIANA *(Canta.) - Pamonha quentinha, pamonha salgada pamonhaaa!
(Entra, empurrando um carrinho de pamonha. Para, observa, à espera de que alguém venha comprar pamonha. Canta.)
Pamonha quentinha, pamonha é doce pamonhaaa! (À espera de que alguém saia de sua casa e venha comprar pamonha. Volta-se para o público.)* Hoje eu estou feliz! Olhem pro meu rosto. Observem os meus gestos. Parecem lentos, um pouco pesados, mas é só impressão. Estão percebendo? Meu corpo está numa posição de felicidade... Querendo correr! Festejar! *(Canta.) Pamonha quentinha, pamonha salgada pamonhaaa!
(Volta-se para o público.)* Se agarrar às coisas ruins pra quê? O que aconteceu já está acontecido. Pra que se encostar no passado? Coisa ruim sempre leva a gente pra um lugar demasiado entristecido. Conheço gente que gosta de andar de braços dados com a desgraceira. A preocupação é necessária,

mas se fica muito tempo pintada no rosto, vira assombração! Espanta até cachorro! (*Canta.*) Pamonha quentinha, pamonha é doce pamonhaaa! (*Atende uma senhora.*) As duas pamonhas de sempre, dona Jussara? Só a doce? E a pamonha com pimenta do seu Vladimir? O médico proibiu seu Vladimir de comer pimenta?! Esse médico está doente. Seu Vladimir adora pimenta. Como é que ele vai viver sem a sua pamonha com pimenta? A senhora acha mesmo que o mal no corpo do seu Vladimir é por causa da pimenta? Olha como a senhora está de cara bonita hoje. Pensa que eu não estou vendo? Sinal que seu Vladimir melhorou. Estou errada? Ele comeu pamonha dois dias atrás, não comeu? E melhorou, não melhorou? Pimenta é remédio, dona Jussara, acredita em mim! (*Entregando a pamonha doce e apresentando a pamonha com pimenta.*) A senhora vai levar a de pimenta também, é por minha conta! É cortesia. Nós vamos curar seu Vladimir desse mal besta que está atrapalhando ele. Deus é grande! A gente tem que ouvir o nosso gosto, não essas porcarias que enfiam nos nossos ouvidos. Quem disse que pimenta é veneno? A gente tem primeiro que ouvir o nosso coração. O resto enfia no diabo que o carregue! Médico besta... Ah, sim, o versinho da pamonha! Eu aqui esquecendo o versinho. Está aqui, coloca junto com o elástico. Não! Deixa que eu leio pra senhora. Eu quero procurar com os olhos se a senhora gostou. Escuta o que eu escrevi! Pra acabar com essa tristeza toda que infesta o mundo da sua casa. (*Lê. Para o público.*) A tristeza vem do jeito que a gente quer que ela venha. A alegria não aceita opinião, ela vem do jeito que ela quer vir! (*Observa dona Jussara.*) Não é lindo ficar ouvindo um acalento? Ainda por cima bonito igual esse? Gostou? A tristeza, dona Jussara, se agarra na gente! A alegria, a gente tem que correr atrás! (*Pausa. Volta-se para o público.*) Eu vendo pamonha nesse bairro já faz bem uns vinte anos. Eu vi esse bairro ficar chique. Essa freguesia toda eu atendo pelo nome. Antes fazia unha de madame. Até já cozinhei em restaurante que servia pra gente importante. Muitos iam na cozinha, querendo me conhecer. Já varri muita rua, já dei muito conselho pra gente bêbada, protegi muita menina perdida. Até um dia encontrar em mim a única vontade de trabalhar que eu gostava. Vender pamonha!

Vender pamonha é um privilégio. Pra poucos! Andar pelas ruas, sem ter que entrar. Sem ter que sossegar. Andar e conversar. Quer mundo mais definitivo do que esse? / Todos dizem que eu tenho mão de fada e língua de princesa, mas eu nunca quis entender o que isso significa, porque se há uma coisa que eu não gosto é que fiquem discutindo a minha natureza. A natureza tem que ser livre. Se a gente bota opinião, estraga tudo. Entorta, dá outro rumo. *(Canta.)* Pamonha quentinha, pamonha salgada pamonhaaa! *(Dirigindo-se a um casal de namorados.)* Salete! Você está arretada de bonita hoje. Que aconteceu? E esse noivado? Não vai virar casamento não? Ou já está virando? Dá uns beliscões nesse bonitão. Ele anda muito folgado. Está aqui. A pamonha doce pra noiva e a pamonha salgada pro noivo. Olha o versinho que a Tiana fez pra vocês. Presta atenção, você aí, bonitão! “A noiva diz que é hora de se casar; o noivo quer esperar; com beijos e abraços, sem o noivo perceber, a noiva arrasta o fujão pro altar”. *(Olha atenta para os noivos.)* E aí, Salete? Sorriu, é porque gostou! Você aí, bonitão, é só uma brincadeira, não precisa ficar assustado. É versinho, não é conselho. Casem quando chegar o acordo de casar. E esse acordo tem que sair de vocês. Não deixem ninguém forçar a situação. Se deixarem, vai dar complicação, com certeza. Alguém vai sair contrariado. Ouçam o que vocês têm que ouvir, mas façam o que vocês querem fazer. Pra ninguém sair aborrecido. Porque choro de amor atrapalhado dói um bom bocado. *(Para o público.)* Chorar só é bom se o motivo do choro também for bom. Não desprezo o choro triste. O choro tem que existir, principalmente num momento solene da vida, quando o nosso corpo tem que aguentar as dores da alma. Alma e corpo têm que andar sempre juntos, como se fossem duas mãos se ajudando. Esse encontro é sagrado. *(Pausa.)* Eu chorei hoje de manhã. Um pouquinho só. Mas foi choro por razão de felicidade! Observem a alegria no meu rosto. Não foi nem choro. O mais, um despejo de lágrimas bobas, acumuladas. Uns transtornos por causa de uma notícia que me pegou de surpresa. Uma notícia que parece mais uma anúncio! Vou receber visita importante. Depois de anos, nem sei a conta, quem é que vai aparecer? Madame Cotinha! Recebi recado. Está chegando. Madame Cotinha se enfiou na

solteirice e de lá não saiu mais. Mas está ali mulher que não perdeu a alma, alma purinha, soberana, sem manchas de mágoa, minha salvadora em momentos de precisão. Na intenção de me poupar, batia-se com o irmão coronel, o pai do capeta, celeiro de coisa ruim. Ela mandou recado que está chegando pra me visitar. Vem hoje à noite, lá em casa. (*Sai do palco, cantando.*) Pamonha quentinha, pamonha salgada pamonhaaa! Pamonha hoje, dona Edna! Com pimenta e linguiça? Se eu fosse a senhora, eu levava três. Está caprichada! Sim, dona Edna, hoje eu estou mais feliz que o costume. (*Entra puxando o carrinho de pamonhas por outra rua. Vem silenciosa, e desaparece na esquina.*)

CENA II**A notícia**

(Sebastiana está na cozinha da sua casa, mexendo o tacho de pamonha sobre um fogão improvisado. Canta, enquanto faz os movimentos circulares.)

TIANA *(Para. Pausa.)* - Zefinha! Você está aí? Ahn? Não estou te ouvindo. *(Vai até a soleira da porta da cozinha que dá para um quintal amplo, onde Zefinha rala sabugos de milho verde.)* O caldo já engrossou. Cadê as palhas, separou tudo? Pode parar de ralar sabugo, o que tem dá pra hoje. Pode moer agora. *(Volta com as cascas de milho.)* Cadê a concha... Ah, está aqui. Essa semana eu vou vender muita pamonha! Preciso. Tenho que tirar um dinheiro extra. Pra comprar um vestido novo. *(Pausa.)* Que festa, Zefinha, diversão não precisa de luxo! *(Volta ao caldo e verifica a textura. Para o público.)* Estou com uma preocupação na minha mente. O coisa ruim do Sobralzinho virou deputado, igual o pai, o coronel Sobral, o capeta com chifre de ouro. Só de pensar nesse menino me dá arrepios. *(Pausa.)* Não sei por que a gente pensa em certas coisas. Pensamento devia ser escolhido e não ficar vindo à toa, pra atrapalhar o nosso sossego. Zefinha, os elásticos pra amarrar as pamonhas, onde você colocou? *(Procura.)* Deve estar por aqui. *(Encontra.)* Você não conheceu Madame Cotinha quando ela era nova. Nunca deixou de ser bonita! Estranho não ter pego casamento. Foi ela que não deixou o Sobralzinho vir me procurar. Impediu a intenção do desgraçado. Só madame Cotinha pra ver de longe a desgraceira daquele homem. Sou muita agradecida. *(Volta-*

se.) Zefinha! Cadê você, menina? Temos que encher as pamonhas. São dois tachos, tem mais um pra engrossar. Eu resolvi vender pamonha pras bandas de Santo Inácio também. Eu preciso comprar um vestido novo. Vou pra Brasília! Ver mãezinha! Parece coisa inventada, ver mãezinha de novo, depois de tanto tempo. *(Para o público.)* Zefinha deve ter ido ao banheiro. Tem mania de banheiro. *(Pausa. Ainda falando para o público.)* O que era apreensão do meu lado, virou uma surpresa que deixou minhas pernas bambas, não querendo me aguentar em pé. Coronel Sobralzinho, visse o destino, é conhecedor do meu irmão Ambrosinho. Ambrosinho agora é homem importante em Brasília, todo preparado pra ser deputado federal! Levei um susto de saber. Ambrosinho, meu irmão quase caçula, deputado! Não calculem o milagre. Não posso aceitar aquele menino franzino, desembestado, boca larga, agora deputado! Só chorando pra descarregar tanta admiração. *(Pausa.)* Ambrosinho luta no mesmo partido do coronel Sobralzinho. Não gostei do conchavo, não vi ventura, mas me admirei. Um susto de vida. Ambrosinho se preparando pra ser coronel! Isso é alegria ou é desgraça? *(Silêncio.)* A notícia verdadeira que madame Cotinha me trouxe ontem foi o anúncio da doença fatal de mãezinha. Derradeira vontade de mãe querer me ver. Mãezinha fez Ambrosinho jurar me encontrar onde fosse! Madame disse que mãezinha não obceca outra coisa senão a necessidade de me ver. Quer morrer rodeada por mim e por meus seis irmãos. *(Pausa.)* Quarenta anos vividos sem notícias de mãe! Estou um pouco besta. Ainda tonta. Sem saber o que fazer com o aparecimento, sem aviso, de mãezinha. Vontade de rir, de cantar, de querer sentir certas lembranças, tudo querendo vir de uma vez, chutando aqui dentro da minha cabeça, pronto pra sair tudo ao mesmo tempo! *(Pausa.)* Madame Cotinha trouxe tanta notícia de sucesso, uma carreirinha de sonho bom, que custa acreditar! Parece mentira. Mas não. São realizações verdadeiras! Meus irmãos estão em Brasília, com mãezinha! Todos! E vivos! Gozando da mais pura riqueza. Ostentando importância. Ocupando um lugar alto na sociedade! *(Agitada, começa a caminhar pela cozinha. Está visivelmente inquieta.)* Uma estranheza desconhecida está tomando conta de mim. Ontem à noite chorei sobre o

travesseiro. Mas é pura felicidade, eu sei. A felicidade que está no outro tem que estar na gente também. E nesse momento, eu estou feliz por meus irmãos! (*Posiciona-se para brincar de passar anel.*) Eu sempre fui a mais esperta nas alegrias da infância. Naquelas tardes quentes do sertão de Pernambuco, éramos crianças, com gritos na garganta, com os olhares limpos de dores, só querendo consumir a vida com brincadeiras. (*Olha em torno. Para os irmãos, batendo palmas.*) Todos arrumadinhos pra brincadeira do anel? Eu passo. Todos aqui, na minha frente. Ambrosinho, agora que você é deputado, eu quero ver como é que ficou a sua esperteza. (*Posiciona o irmão, 7 anos.*) Fica aí! Você vai descobrir pra quem eu passei o anel. (*Posiciona os irmãos, um a um.*) Chiquinho, você é o irmão mais velho, fica aqui. Capitão da Polícia Militar em Brasília, homem de peso, merece lugar de destaque. (*Posiciona ao lado de Chiquinho.*) Você aqui, Mundinha. Ao lado do capitão! Estou sabendo que você é Diretora de importância em Brasília. Mora em lugar chique, que pra entrar só com ordens expressas. É verdade essa notícia, Mundinha? Diretora. Nome muito bonito de se falar! (*Posiciona.*) Inácio! Você é o irmão caçula, fica aqui no meio. O médico da família, cuidador de criança. Estou sabendo, anda deitado em muita fama lá em Brasília, não é isso, Nacinho? Estou orgulhosa. Eu sei qual é a sua tristeza. A morte de pai cinco dias depois que você saiu de mãe. A tristeza não é só sua, Nacinho, é de todo mundo. (*Silêncio.*) Eu mesma carrego na vida essa saudade de pai, que não se esgota, não vai embora. (*Reage, bate as palmas das mãos.*) Você agora aqui, Geralda! Estou sabendo das suas estripulias, menina emburrada. Virou juíza em tribunal importante, pensa que eu não estou sabendo? Madame Cotinha me contou tudo. Agora você, Severina. Aqui. Veio ao mundo pra ser bela, pensa que eu não sei? Rodeada de tanta beleza e simpatia, não sei por que não se casou! Pra que se casar, né Severina? Tem que viajar o mundo, enfiada nas coisas da moda, falta tempo pra cultivar amor parado. Madame Cotinha me disse que você tem um carro importado que nunca se viu em lugar nenhum. Aposto que é pra combinar com a sua beleza. (*Olha para todos.*) Vamos começar a brincadeira? Estou um pouco nervosa, desculpem. (*Começa a brincadeira de passar anel.*)

Meu irmão capitão! *(Para, olha para ele.)* Minha irmã Diretora! *(Vacila, olha para ela, carinhosa.)* Meu caçulinha médico! *(Olha para ele com carinho.)* A juíza doutora! *(Encabula-se.)* Meu Deus, quantas importâncias! Conheço mãezinha. Educava os filhos com mão de ferro. Esculpiu celebridades! *(Vacila, olha para ela.)* Severina, você finaliza a beleza das pessoas chiques. *(Volta, em silêncio, e emocionada, para diante de cada um, e, em ritmo nervoso, olhando nos olhos dos irmãos, vai apresentando as mãos presas, segurando o anel. Obedece a altura de cada criança, sendo Chiquinho, 14 anos, Mundinha, 11, Inácio, 5, Geralda, 10, Severina 8. Depois volta novamente, mais rápida, obedecendo a altura de adultos. Está ficando angustiada. De repente, para. Há dor em sua voz. Volta-se para Madame Cotinha.)* Eu não quero o seu dinheiro pra ir pra Brasília, Madame Cotinha! Não preciso da sua esmola, não preciso do seu sacrifício! Eu posso vender pamonhas pra ter o ganho da viagem. O ganho pra comprar meu vestido pra ver mãezinha! *(Grita.)* Eu não quero que ninguém venha me buscar! Eu sei ir sozinha! Joga no lixo do coronel Sobralzinho essas notas dobradas, eu não preciso desse nojo! Peço que se retire da minha casa! Minha casa é muito pequena, não cabe mágoas nem desaforos. Mágoa ocupa muito espaço, e o espaço que eu tenho aqui é pro meu viver feliz! *(Empurrando madame Cotinha em direção à porta.)* Agradeço sua visita. Ela não me desagradou. Mas prefiro a distância do seu cuidado a ter que aceitar de volta os horrores da família Sobral. *(Bate a porta. Grita, em desespero.)* Zefinha! *(Zefinha entra, assustada.)* Onde é que você estava menina? Em que mundo você foi parar? Ainda temos tacho pra engrossar. *(Aproximando-se da mesa.)* E muita pamonha pra encher e ferventar. São quase seis horas da manhã e eu tenho que comprar um vestido novo. Entendeu, Zefinha? Eu tenho que comprar um vestido!

CENA III

A mãe

TIANA *(Tiana está sentada à mesa, diante dela folhas espalhadas, e uma caneta. Parece inquieta. Está de banho tomado, veste roupa de dormir. Escreve, risca, rabisca, escreve, tentando ajustar um pequeno verso. Depois observa atentamente o resultado e sorri. Para o público.)* - Esse versinho cabe na pamonha doce da dona Vitória. Ela está de emprego novo, feliz que não se cabe dentro dela. Vou açucarar a vida dela. Diz que o patrão é generoso. Estava aperreada com a falta de emprego. *(Corta o papel, enrola e escreve em cima o nome Dona Vitória, e coloca de lado.)* Esse é o da dona Jussara. Dona Jussara está precisando de muito acalento. *(Corta o papel, enrola e escreve em cima o nome Dona Jussara, e separa junto com o anterior. Confere a lista e põe-se a escrever novo versinho. Para. Silêncio. Melancólica.)* Essa é a hora mais difícil, mãezinha. É a hora que eu me sinto só. O tempo gira muito lento, embala os meus medos. Atravessam na minha frente uns fantasmas que eu não conheço, que eu não sei de onde vêm. Eles passam quase em fila, dançam e cantam, mas eu não consigo ver o que eles dançam, nem entendo o que eles cantam. É sempre uma melodia alegre, às vezes me faço abandonar meus versinhos, e vou pela casa dançando e cantando, e aí parece que tudo volta pro lugar. *(Pausa.)* Será que é loucura minha, mãezinha? Eu acho que é apenas uma sabedoria, um jeito de fugir da tristeza, necessidade de apagar os rastros da dor. *(Pausa.)* Mais difícil é fugir das saudades, mãezinha. Me cutucam com ponta fina, bem aparada. Sentam a meu lado como visitas convidadas.

São rostos de crianças, rostos onde eu tenho um desejo imenso de ver que são os meus irmãos. Será que são eles, mãezinha, os meus irmãos, querendo me rodear, querendo vir matar minha saudade deles? São eles, mãezinha, eu tenho certeza! Os rostos dos meus irmãos são os fantasmas que eu não consigo ver. Eu tento reconhecer, mas os rostos se cobrem, e aí, nesse momento, é que bate uma saudade demasiada, mas é saudade gostosa também, que eu não sei se é acalento ou se é desespero. Eu sempre acho que vivo num lugar desconhecido, mãezinha, mesmo que eu more nesta casa tantos anos, parece que não é aqui que eu devia morar, o lugar onde eu devia estar não está preenchido. (*Reage.*) Mas isso, mãezinha, passa logo, não precisa se preocupar. Vivo minha vida num caminho que me foi oferecido esses anos todos, e não é agora que meus irmãos voltaram pra mim, numa forma de notícia concreta, que eu vou achar que minha vida foi uma desavença do destino. Não, mãezinha, minha vida foi uma glória vencida, um canto de vida entregue totalmente a mim mesma. Eu aprendi que a vida sempre é boa quando a gente toma de conta dela. Conheço minha freguesia, e sei o que cada uma daquelas pessoas sofrem, e elas sofrem, mãezinha, porque elas pelem demais e precisam o tempo todo de um acalento. É nos meus versos que eu me ensino a viver pra poder levar minhas pamonhas e meu canto pelas ruas, distribuindo alegria pra tantos que acham que a vida acaba quando tem que acabar. Não, mãezinha! A vida só acaba se a gente quiser! (*Alegra-se.*) Mãezinha, escuta aqui o versinho que eu fiz pra dona Jussara. (*Pega o versinho enrolado e o desenrola. Olha para a mãe imaginária.*) Senta aqui, mãezinha, do meu lado, pra sua companhia ficar inteira, sem distância. (*Mãe senta.*) Olha aqui o versinho. Adoro versejar. Desde menina que me agarro às palavras. Não é bem versejar, é falar em frases bonitas coisas que eu sinto pro bem dos meus fregueses. Dona Jussara tem o marido à beira da morte. Ela está precisando de muito acalento. Eu sempre separo uma pamonha com pimenta pro seu Vladimir. É um agrado, mesmo que ele não pode comer. É só pra dizer pra dona Jussara que a vida continua. Escuta! (*Declama.*) “O amor de uma vida não se apaga, ninguém leva, nem a morte. Ele é eterno em quem vive” (*Silêncio. Observa o versinho,*

como se avaliasse o seu efeito. Sorri.) Gostou, mãezinha? Eu gostei. Adorei! *(Pausa. Séria.)* Sabe, mãezinha, eu tenho uma cisma. Eu não gosto de entrar na casa de ninguém. Porta adentro. Na soleira, eu faço questão de empacar. Entra, dona Tiana! Não, obrigada, já tenho que ir. Aí meus braços cruzam a soleira pra entregar as pamonhas com os versinhos. Assim já estou pronta pra voltar pra rua. *(Pausa. Inquieta.)* Desculpe a conversa errante, mãezinha, é que meu impulso é querer mostrar um pouco de mim pra senhora que não me conhece além dos meus doze anos. Estou já nos meus cinquenta e cinco, e carrego no lombo um livro invisível, que só eu consigo ler. Fique aí sentada se a senhora quiser observar Tiana, sua filha, e aliviar um pouco da sua saudade. Está vendo? Essa é a lista da segunda-feira. São os fregueses que eu sei que vão comprar minhas pamonhas. Uns falham, mas outros chegam. Aquilo que eu falei da solidão, não se preocupe, mãezinha, é só um pretexto de inspiração, por isso deixo a solidão rondar, como se fosse a mão que me trouxesse o verso. Ih! Ih! Eu prometi um versinho pra dona Catirina! Ela quer declamar um versinho pro aniversário da neta. Ah! Eu já tenho um versinho pronto pra avó declamar em festa de aniversário de neta. *(Procura entre os papéis.)* Está aqui, achei! *(Reescreve o versinho em outro papel, depois rasga e enrola e escreve em cima dona Catirina.)* Quando a gente não está inspirada pra arte de versejar, bom ter umas reservas pra não faltar. *(Silêncio. Repassa em silêncio a leitura de alguns versinhos. Levanta-se.)* Mãezinha, tenho notícia boa! Já ia protelando. Já estou de vestido novo pra viajar pra Brasília, prontinha pra ver a senhora. Azul, com rendas brancas, um babado no colo caindo pra barriga, fico parecendo uma mocinha de doze anos, mãezinha! A senhora vai gostar! Me tomou mais de um mês de venda. Agora só falta comprar as passagens. Um mês e eu compro as passagens, mãezinha. E já vou estar aí, perto da senhora. Não piore a doença, me espera! Estou tão nervosa, às vezes me perco num pensar triste, confuso, de saber como meus irmãos vão me receber. Mundinha, diretora, e eu criando versinhos pras minhas pamonhas! Nesta vida tudo é tão bonito, não é, mãezinha? *(Pausa.)* A senhora sabe como eu aprendi a fazer pamonha? Esse caso da minha vida a senhora também não conhece. Eu

tinha acabado de pular pra dezessete anos, ainda enfiada nos abusos de Sobralzinho. Mãezinha, Sobralzinho era tão cruel, que ele quase distorceu a minha vida. Minha força foi esperar pela senhora, todos os dias, que a senhora um dia ia aparecer pela porta e ia me resgatar! Que ia afrontar o coronel Sobral, seu desgraçado, aqui estou eu pra buscar minha filha. Toma aqui o dinheiro da compra! (*Apressa-se.*) Não, mãezinha, não é nada disso que eu ia querendo dizer. Foi tão bonito eu aprender a fazer pamonha e é isso que importa. Dona Firmina, prima de madame Cotinha, jurou aos pés de Sobralzinho que precisava de mim pra ajudar nas festanças de Juazeiro. Ela ficou tão feliz com minha presteza, que ganhei dela o primeiro vestido novo da minha vida. Vamos largar um pouco esses molambos, Tianinha! E me chamava de sinhá Pamonheira! O lugar de Sinhá não é meu, mãezinha, nunca será. Nem se for pra ser apenas uma graça inventada. (*Amarga.*) Fui deitada na cama de coronelzinho contra meu feitio de mulher, e só fazia isso, mãezinha, porque sempre pensava que a senhora estava olhando por mim. E estaria me perdoando! (*Silêncio. Assustada, olha para os lados.*) Mãezinha! (*Desespera-se.*) Mãezinha... Cadê senhora, mãezinha...! Não se aperreie com as minhas cruces, mãezinha, não fique triste, eu prometo, eu só conto casos alegres pra senhora, eu juro! Eu nunca me importei em carregar as minhas cruces sozinha! A culpa por tudo o que aconteceu foi minha, só minha. A senhora não tem que me pedir perdão, mãezinha, não tem! (*Grita.*) Mãezinha! Cadê senhora? Mãezinha! Dá um amargor na boca ter que ficar sozinha nessa hora. Não me deixe só! Não me abandone de novo!

CENA IV

A mulher

TIANA *(Canta.)* - Pamonha quentinha, pamonha salgada pamonhaaa!
(Entra, empurrando o carrinho de pamonha. Para, observa, a esmo. Canta.) Pamonha... quentinha... *(Para.)* Bom dia, dona Jussara! *(Pausa. Observa-se.)* O que é que tem de errado comigo? Eu estou bem, dona Jussara. Estou, eu juro! *(Olha para dentro do carrinho. Ri. Melancólica.)* Ô, dona Jussara, hoje eu não tenho pamonha pra vender. Não sei. Não me acudiu força pra fazer pamonha, me entreguei pro nada. Mas está tudo bem, é só uma sombra passageira, uma tristeza de vida. Só quis sair pra rua. Cantar e dançar, essa é a vontade que me domina agora. Não, obrigada, eu não posso entrar. *(Reage, um tanto rude.)* Não quero, por favor! *(Silêncio.)* Como é que está seu Vladimir? *(Pausa.)* Sério! O médico garantiu! Quer dizer que ele vai poder comer pamonha com pimenta de novo? Eu não disse pra senhora, dona Jussara, que a vida dele podia continuar? *(Empolga-se.)* Amanhã eu trago as pamonhas. Duas! Posso dar um abraço na senhora? *(Afasta-se.)* Não! A senhora não quer o meu abraço? Só se eu contar o que está acontecendo? Arre! Quem é que não tem problemas nessa vida, dona Jussara? Então, me dê um abraço primeiro, que seu calor vai me dar forças pra eu revelar minha desventura. *(Abraçam-se.)* A morte deu conta de achar mãezinha. Entregou-se a ela faz quinze dias, mas só ontem fiquei sabendo. Mãezinha não quis esperar por mim. Era sabido. Eu estava quase que com o dinheiro contado pras passagens. Só precisava de mais um tempo. O que vai ser de mim agora, sem o sonho de um dia ver mãezinha? Não, dona

Jussara, eu nunca mesmo que ia pedir dinheiro pra senhora. Pra ninguém! (*Senta no meio fio. Desarmada.*) Eu não sei se eu tinha força pra me despedir de mãezinha. Era um querer confuso, era um medo abafado, medo de que ela não me perdoasse. (*Pausa.*) O que foi que eu fiz? Não sei, dona Jussara. Criou-se um esquecimento entre mim e mãezinha, um esquecimento maldoso, mas, eu juro, esse sentimento nunca foi meu. Eu sempre esperei que mãezinha viesse me buscar. (*Pausa. Reage.*) Não! Não e não! Eu nunca soube do paradeiro de mãezinha. Nem dos meus irmãos. Como é que eu ia alimentar algum tipo de sentimento ruim, se eu nem podia saber onde estavam? (*Pausa.*) Meu paizinho morreu eu ia pros meus sete anos naquele dia. Foi uma facada no coração, a ferida sangra até hoje. Paizinho largou mãezinha nesse mundo com sete filhos pra criar, e mãezinha foi à luta pra pôr comida e roupa dentro de casa. Paizinho era funcionário do governo, mas não obteve pensão. Deixou mãezinha na labuta solitária, sofrida. Até que mãezinha desesperou-se com a fome e resolveu amarrar as trouxas, sonhando encontrar a cidade de Brasília. É lugar de muita riqueza e possibilidades, repetia mãezinha, querendo nos mostrar sua decisão. Só lá é que vamos viver! Se havia uma coisa que mãezinha sabia fazer muito bem era mostrar decisão. Seus filhos eram muito inteligentes pra ficarem amarrados à seca e à fome! (*Silêncio.*) Desembestou-se com os filhos pelas estradas, pedindo carona pra quem tivesse o respeito de ajudar. Mãezinha sonhava chegar à Petrolina. E ela dizia, com o sentido de nos animar. Se a gente chegar lá, o caminho pra Brasília vai ficar mais visível. Mas quem é que vai dar carona pra sete filhos? Onde sobejar compaixão e caridade? O desespero chegou na cara de mãezinha quando Ambrosinho bateu-se doente. Caímos no caminho do desespero, e chegamos de noitinha numa fazenda rica e vistosa. De lá quase que se avistava os pontos altos de Petrolina. Era tão pouco pra chegar! Se eu soubesse que existia o rio chamado São Francisco, eu juro, dona Jussara, que eu ia sentir os movimentos das águas, de tão pertinho que tínhamos chegado à beira dele. Mãezinha bateu à porta. Quem atendeu, arregalou os olhos. E quis fechar a porta. Uma senhora magrinha chegou a tempo. Era madame Cotinha.

Amparou-se no irmão, coronel Sobral, vendo que sinhá Santinha já chamava o capataz pra nos expulsar. Um banho e um prato de comida. Depois a gente solta esse povo triste no mundo. Estas foram as palavras do coronel Sobral. *(Pausa.)* Por trás do coronel, em seguida, surge um rapaz já tomado das primeiras barbas. Logo deitou seu olhar nervoso pra cima de mim. Como depois eu teria a dor de saber, atrás daquele nervosismo escondia a voz calada do demônio. E foi aí, depois do banho e dos cuidados ligeiros, e um prato de comida fria, que coronel Sobral chamou mãezinha. Depois de um tanto de conversa escondida, mãezinha me chamou. E disse. Tiana, você fica. Está tudo combinado com o coronel. A troco de ele levar a gente pra Petrolina e colocar todo mundo no ônibus pro rumo de Brasília, você vai trabalhar pra essa gente durante dois anos, com direito a pouso e comida, e uma muda de roupa por ano. Eu quis falar, mas mãezinha estava tomada de uma tal decisão, que dos seus olhos negros saíam uma sentença. Emudeci. Virei estátua de mim mesma. Um nada! E na presença do coronel, ela disse pra mim. Eu venho te buscar. Fique aqui, com essa gente, que eu venho te buscar. Me abraçou e me disse no ouvido. Faça tudo o que eles pedirem. Pense nos seus irmãos. E ainda repetiu. Pense nos seus irmãos! *(Silêncio.)* Vi mãezinha indo embora, as suas costas arriadas, sem olhar pra trás. Subiu no caminhão, fiquei vendo as cabecinhas dos meus irmãos sacolejando atrás da poeira suja. Até desaparecerem. *(Pausa. Levanta-se.)* Estou me levantando, dona Jussara, porque a última coisa que eu quero é chorar. Quando a gente está em pé, a gente não chora. E nem vou pedir a ninguém justiça pelas desavenças do destino, que levou paizinho sem nos avisar, e me deixou feito uma presa no meio de feras espalhadas por esse sertão. Fui entregue pra uso das imaginações de Sobralzinho, o demônio disfarçado em meninote. Ele me amarrava na cama e se desfrutava, às vezes por dias, sem que eu pudesse ter um descanso e um banho pra limpar meu corpo e arrumar a minha alma. A senhora sabe o que é ficar trancada por meses, vendo frestas de sol, e o coaxar das botas de Sobralzinho filho no assoalho de madeira bruta? Toda vez que eu ficava grávida, dona Jussara, coronel Sobral chamava o filho e exigia providência imediata. Que brincasse comigo, quanto

quisesse, mas que não lhe trouxesse o problema do filho bastardo. Então, madame Cotinha era chamada, e me cobrindo de carinhos e atenção, fazia os preparativos pros abortos. E dizia. Não pense em fugir, Tianinha, nunca! Sobralzinho gosta muito de você. E o coronel ficaria muito chateado se visse você desprezando as diversões do filho. E madame Cotinha sussurrava no meu ouvido. O coronel sabe onde sua mãe e seus irmãos estão. Podem correr perigo. Entende? Você sabe, Tianinha, ele é muito nervoso e não gosta de ser contrariado. Eu agradecia madame Cotinha pelo aviso de que mãezinha estava por perto e a esperança do encontro me levantava o ânimo. Eu imaginava que mãezinha e meus irmãos estariam em algum lugar, em Petrolina, presos num porão, ou acorrentados, vigiados por capangas, e por isso eu não podia negar os abusos de Sobralzinho, aí, acendendo em mim o desespero de proteger mãezinha, passei a tomar iniciativas, eu passei a ser mulher dama, passei a me estragar, tudo porque eu não queria que fizessem mal à mãezinha e a meus irmãos. Todo dia eu acordava e imaginava que naquele dia mãezinha chegaria com um maço de dinheiro na mão, às vezes eu imaginava que ela viesse rodeada de polícias, e entregaria o dinheiro pro coronel com a seguinte fala. Vim comprar minha filha, seu desgraçado filho da puta! (*Silêncio.*) Eu não choro, dona Jussara, talvez seja por isso que às vezes eu vejo fantasmas. Eu coloco os fantasmas no lugar do choro. Eu só acredito que a pior cruz que acorrenta um ser humano é a lamúria. Choro de alegria, mas não choro de tristeza. O medo dominava Sobralzinho, medo que eu fugisse, pra isso me trancava, e não bastasse, trazia reforço pra vigiar. Em paga a seu homem de confiança, Sobralzinho me oferecia pra ele uma noite por mês. Ele me sujava toda, e era nessas horas que eu tinha vontade de morrer. (*Pausa.*) Por causa dos abortos, nunca pude ter filhos, mas fui capaz de amar homem, não tenho medo desse bicho, medo a gente tem que ter é do poder, do mando absoluto. (*Pausa.*) A única promessa que me cabe na vida é não deixar que as mágoas embacem o meu viver. Se você está vivo, não é permitido deixar a vida escapar. (*Reage.*) Eu disse pra senhora. Eu disse! Seu Vladimir não vai morrer se ele não quiser. E é disto que eu gosto. De pessoas que enfrentam tudo e defendem o seu

viver. Pra que se deixar desgraçar pelas dificuldades? Se está difícil...? Então saia pelas ruas cantando e dançando! *(Excitada.)* Dona Jussara! Me deu uma vontade imediata de abraçar seu Vladimir. Se a senhora me permite, eu quero entrar na sua casa. Na rapidez de um abraço apenas. Depois pego de volta o meu caminho. Me permite? *(Entram, mais um tempo, e Tiana sai, arrastando seu carrinho pelas ruas do bairro. Cai o pano.)*

FIM

UNAÍ/MG (Fazenda Camisa), 29 de dezembro de 2016.